



A SELEÇÃO

KIERA CASS

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2012 by Kiera Cass
Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL The Selection

CAPA Sarah Hoy

© 2012 by Gustavo Marx/ MergeLeft Repts, Inc.

PREPARAÇÃO Mariana Zanini

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cass, Kiera

A seleção / Kiera Cass ; tradução Cristian Clemente. — 1ª ed. —
São Paulo : Seguinte, 2012.

Título original: The Selection.
ISBN 978-85-65765-01-5

1. Literatura infantojuvenil I. Título.

12-10302

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Oi, pai!
aceno



MINHA MÃE ENTROU EM ÊXTASE quando pegamos a carta no correio. Ela já tinha decidido que todos os nossos problemas estavam solucionados, tinham desaparecido para sempre. O grande empecilho em seu plano brilhante era eu. Eu não me considerava uma filha muito desobediente, mas também não era uma santa.

Não queria ser da realeza. Não queria ser Um. Não queria nem *tentar*.

Escondi-me no meu quarto, o único lugar onde podia fugir do falatório da casa cheia. Procurava um argumento que dobrasse minha mãe, mas, até então, tudo o que tinha era uma coletânea de opiniões sinceras... Não me parecia que ela fosse dar ouvidos a nenhuma delas.

Eu não conseguiria escapar da minha mãe por muito tempo. Era quase hora do jantar, e eu, a filha mais velha que ainda morava em casa, tinha que ajudar na cozinha. Pulei da cama e caminhei para o ninho de cobras.

Minha mãe me recebeu com um olhar furioso, mas não disse nada.

Nós duas nos movíamos pela cozinha e pela sala de jantar sem falar — como em uma dança silenciosa — enquanto preparávamos frango, macarrão e torta de maçã, e púnhamos a mesa para cinco pessoas. Bastava eu desviar os olhos do que estava fazendo para ela me corrigir com um olhar severo, como se assim fosse me deixar constrangida o bastante para querer as mesmas coisas que ela. Minha mãe usava essa tática às vezes. Quando eu queria mudar de emprego porque achava que a família que nos hospedava era grosseira sem necessidade. Ou quando ela queria que eu fizesse uma faxina pesada porque não tínhamos dinheiro para pagar alguém do Seis para nos ajudar.

Algumas vezes dava certo. Outras, não. E esse era um ponto em que ninguém podia me dobrar.

Minha mãe não tinha o que fazer quando eu teimava. Puxei a ela, de modo que não podia ficar surpresa. Mas o problema não era só comigo. Ela andava tensa. O verão chegava ao fim e logo viriam os meses frios. E as preocupações.

Minha mãe botou a jarra de chá na mesa com raiva. Fiquei com a boca cheia d'água só de imaginar o chá gelado com limão. Mas eu tinha que esperar; seria um desperdício tomar meu copo agora e depois ter que beber água no jantar.

— Mas você vai morrer se preencher o formulário? — ela disse, sem se aguentar. — A Seleção pode ser uma oportunidade maravilhosa para você, para todos nós.

Suspirei alto, pensando que preencher aquele formulário seria como a morte para mim.

Não era segredo que os rebeldes — as colônias subterráneas que odiavam Illéa, nosso vasto e relativamente jovem país — investiam em ataques cada vez mais frequentes e violentos ao palácio. Já tínhamos visto os rebeldes em ação em Carolina. A casa de um dos magistrados fora completamente incendiada, e os carros de pessoas da Dois foram destruídos. Houve até uma espetacular fuga da prisão: eles libertaram uma adolescente que engravidara e um Sete que era pai de nove filhos, de modo que até eu achei que eles estavam certos daquela vez.

Mas, além das ameaças, eu sentia que só pensar na Seleção já fazia meu coração doer. Não consegui esconder meu sorriso enquanto pensava em todas as razões para permanecer exatamente onde estava.

— Os últimos anos têm sido muito difíceis para seu pai — minha mãe estrilou. — Se você tiver um pouco de compaixão, vai pensar nele.

Meu pai. Sim. Eu queria ajudá-lo. E May e Gerad. E até minha mãe. Eu não tinha como sorrir diante da maneira como ela expôs a situação. Fazia tempo demais que as coisas não iam bem. Eu me perguntava se meu pai veria a Seleção como um meio de fazer com que tudo voltasse ao normal, se é que o dinheiro podia melhorar as coisas.

Não que nossa situação fosse tão precária a ponto de termos por nossa sobrevivência ou algo assim. Não éramos miseráveis. Mas acho que não estávamos muito longe disso.

Nossa casta era a terceira antes do fundo do poço. Éramos artistas. E os artistas e músicos clássicos estavam só três de-

graus acima da sujeira. Literalmente. Nosso dinheiro era curto, vivíamos na corda bamba e nossa renda dependia muito da mudança de estações.

Lembro-me de ter visto num livro de história bem gasto que todas as datas especiais costumavam ser comemoradas nos meses de inverno. Halloween, Ação de Graças, Natal e Ano-Novo. Um depois do outro.

O Natal ainda era no mesmo dia. Não dá para mudar o aniversário de uma divindade. Mas quando Illéa firmou o grande acordo de paz com a China, o Ano-Novo passou para janeiro ou fevereiro, dependendo da lua. Todas as comemorações de Ação de Graças e do dia da independência da nossa metade do mundo foram reunidas na Festa da Gratidão, realizada no verão. Era tempo de celebrar a formação de Illéa, de nos alegrar por ainda existirmos.

Eu não sabia o que era Halloween. Simplesmente desapareceu.

Assim, pelo menos três vezes ao ano a família inteira tinha emprego em tempo integral. Meu pai e May faziam peças de artesanato que os clientes compravam para dar de presente. Minha mãe e eu nos apresentávamos em festas — eu cantava e ela tocava piano —, e aceitávamos todo trabalho possível. Quando eu era mais nova, tinha medo de me apresentar em público, mas agora tratava de entrar no clima da música de fundo. Assim éramos aos olhos de quem nos empregava: estávamos ali para ser ouvidos, não vistos.

Gerad ainda não tinha descoberto seu talento, mas ele só tinha sete anos. Ainda lhe restava um tempinho.

Em breve as folhas das árvores mudariam de cor e nosso mundinho ficaria balançado mais uma vez. Cinco bocas e apenas quatro trabalhadores. Sem emprego garantido até o Natal.

Quando eu via as coisas desse jeito, a Seleção parecia uma corda à qual eu podia me agarrar. Aquela carta idiota talvez me tirasse do fundo do poço, e então eu poderia puxar minha família comigo.

Eu observava minha mãe. Para uma Cinco, ela até que estava bem robusta, o que era estranho. Não era uma gluttona, mas também não havia fartura em casa. Talvez fosse assim que o corpo ficava depois de cinco filhos. Os cabelos dela eram ruivos, como os meus, mas cheios de fios brancos, que tinham aparecido de repente e aos montes uns dois anos antes. Um ruguinho sulcava o canto dos olhos, embora ainda fosse bastante jovem, e eu podia reparar que ela circulava pela cozinha com as costas curvadas, como se carregasse um peso invisível nos ombros.

Eu sabia que minha mãe sentia um grande peso nas costas. E sabia que foi por isso que ela passou a tentar me manipular sempre que podia. Já brigávamos bastante sem essa tensão extra, mas, à medida que o outono vazia se aproximava, ela ficava cada vez mais nervosa. E eu sabia que minha mãe me achava despeitada por não querer nem preencher um formuláriozinho besta.

Mas havia coisas — coisas importantes — que eu amava. E aquela folha de papel se erguia como um muro entre mim e o que eu queria. Talvez eu quisesse coisas idiotas. Ou que não

conseguiria alcançar. Mesmo assim, eram coisas minhas. Não estava a fim de sacrificar meus sonhos, independentemente do quanto minha família fosse importante para mim. Além do mais, já tinha feito bastante por eles.

Eu era a filha mais velha em casa depois que Kenna se casou e Kota foi embora. Assumi o novo papel o mais rápido que pude. Dei o meu melhor para ajudar. Estudava em casa nos horários que arranjava entre os ensaios, que tomavam a maior parte do dia, já que eu tentava dominar vários instrumentos musicais e aprender a cantar.

Mas, com a chegada da carta, todos os meus esforços perderam o sentido. Na cabeça da minha mãe, eu já era uma rainha.

Se fosse mais esperta, eu teria escondido aquele aviso antes que meu pai, May e Gerad chegassem. Mas minha mãe já o tinha escondido na roupa, e o sacou no meio de uma refeição.

— “Para a casa da família Singer” — disse cantando.

Tentei pegar o papel da mão dela, mas era rápida demais para mim. Mais cedo ou mais tarde, todos acabariam descobrindo mesmo. Só que, se minha mãe fizesse do jeito dela, todos ficariam a seu lado.

— Mãe, não! — implorei.

— Eu quero ouvir! — gritou May, o que não me surpreendeu.

Minha irmã mais nova era idêntica a mim, só que três anos mais nova. Se nossa aparência era praticamente igual, nossa personalidade estava bem longe disso. Ao contrário de mim, ela era extrovertida e otimista, e só conseguia pensar em meninos. May ia achar toda a história incrivelmente romântica.

Senti minhas bochechas corarem de vergonha. Meu pai ouvia com atenção, enquanto May quase pulava de alegria. O fofô do Gerad continuava comendo. Minha mãe limpou a garganta e prosseguiu.

— “Confirmamos no último censo que uma mulher solteira entre dezesseis e vinte anos reside atualmente em sua casa. Gostaríamos de informá-los sobre uma oportunidade próxima de honrar a grande nação de Illéa.”

May soltou outro grito e agarrou meu braço:

— É você!

— Eu sei, sua macaquinha. Solte senão você vai quebrar meu braço.

Mas ela apertou minha mão e deu mais uns pulinhos.

— “Nosso amado príncipe, Maxon Schreave” — continuou minha mãe — “atinge a maioridade este mês. Para adentrar esta nova fase de sua vida, ele deseja ter uma companheira a seu lado, uma verdadeira filha de Illéa. Se sua filha, irmã ou protegida elegível estiver interessada na possibilidade de tornar-se a noiva do príncipe Maxon e a adorada princesa de Illéa, por favor, preencha o formulário anexo e entregue-o no Departamento de Serviços Provinciais da sua localidade. Uma jovem de cada província será escolhida aleatoriamente para encontrar-se com o príncipe. As participantes serão hospedadas no agradável palácio de Illéa, em Angeles, enquanto durar sua estada. A família de cada participante será *recompensada generosamente*” — minha mãe alongava as palavras para criar um efeito dramático — “por seu serviço à família real.”

Enquanto ela falava, eu olhava para o teto. Era isso que acontecia com os príncipes. Já as princesas eram negociadas em casamento a fim de fortalecer as recentes relações com outros países. Eu entendia porque era assim — precisávamos de aliados —, mas não aprovava. Nunca precisei ver uma coisa dessas e esperava não ver nunca. Havia três gerações que não nascia uma princesa na família real. Os príncipes, por sua vez, casavam-se com plebeias para elevar o moral da nação, normalmente instável. Acho que a Seleção servia para unir todos os illeanos e fazê-los recordar que o país nasceu praticamente do nada.

Nenhuma das opções me parecia muito boa. E a ideia de entrar em um concurso que o país inteiro acompanharia só para ver um riquinho esnobe escolher a moça mais linda e sonsa do grupo para ser o rosto calado e bonito que apareceria ao lado dele na TV... era o bastante para me fazer gritar. Haveria humilhação maior?

Além disso, eu já tinha passado muito tempo em casas de pessoas da Dois e da Três para ter certeza de que não queria me envolver com eles. Muito menos com alguém da Um! Tirando as épocas de escassez, estava feliz em ser uma Cinco. Minha mãe era a alpinista social, não eu.

— E é claro que ele adoraria America! Ela é tão linda — derretia-se minha mãe.

— Mãe, por favor! Quando muito eu fico na média.

— Não fica! — disse May. — Eu pareço com você, e sou *linda!*

Ela deu um sorriso tão largo que não pude deixar de rir. E o argumento era válido. May era mesmo linda.

Mas ela era mais que um rostinho bonito, tinha mais que um sorriso vencedor e olhos brilhantes. May irradiava uma energia, um entusiasmo que fazia você querer estar onde ela estivesse. May era magnética, e eu, sinceramente, não era.

— Gerad, o que você acha? Você me acha bonita? — perguntei.

Todos os olhos caíram sobre o membro mais jovem da família.

— Não! As meninas são nojentas!

— Gerad, por favor — minha mãe soltou um suspiro irritado, mas não muito sincero. Era difícil perder a calma com ele. — America, você sabe que é uma menina muito bonita.

— Se sou tão atraente, por que os meninos não me convidam para sair?

— Ah, eles vêm convidar, mas eu espanto todos. Minhas filhas são bonitas demais para se casar com alguém da Cinco. Kenna conseguiu um Quatro, e tenho certeza de que você pode arranjar coisa melhor — ela disse antes de dar um gole no chá.

— O nome dele é James. Pare de chamar o marido de Kenna pelo número. E desde quando garotos vêm aqui? — eu ouvia minha própria voz ficar cada vez mais aguda. Nunca tinha visto um rapaz chegar perto do portão de casa.

— Faz um tempo já — meu pai disse, em seu primeiro comentário desde que a história começara. Sua voz tinha uma nota de tristeza, e ele olhava firmemente para o copo. Eu estava tentando descobrir o que tanto o perturbava. Os meninos atrás de mim? Mamãe e eu discutindo outra vez? Minha

recusa em participar do concurso? A distância a que eu ficaria se fosse sorteada?

Meu pai e eu éramos próximos. Acho que quando nasci minha mãe já estava um pouco cansada, e ele teve que cuidar de mim na maior parte do tempo. Herdei o gênio dela, mas a compaixão dele.

Meu pai levantou os olhos por uma fração de segundo, e foi então que entendi. Ele não queria que eu fosse, mas também não podia negar os benefícios que teríamos se ficasse um dia no concurso — e mais ainda se conseguisse avançar.

— America, use a cabeça — disse minha mãe. — Somos provavelmente os únicos pais de Illéa que precisam convencer a filha a participar. Pense na oportunidade! Um dia você poderia ser rainha!

— Mãe, mesmo que eu quisesse ser rainha, e não quero com todas as minhas forças, milhares de outras meninas da província vão entrar nesse troço. Milhares. E, se por acaso eu fosse sorteada, ainda teria que competir com outras trinta e quatro, todas certamente mais sedutoras do que eu jamais conseguiria fingir ser.

Gerad apurou os ouvidos:

— O que é uma menina sedutora?

— Nada! — respondemos em coro.

— É ridículo imaginar que eu poderia ganhar — concluí.

Minha mãe afastou a cadeira da mesa, levantou-se e depois se inclinou sobre a mesa, na minha direção.

— Alguém vai ganhar, America. Suas chances são as mesmas que as de qualquer outra garota.

Então ela atirou o guardanapo na mesa e saiu.

— Gerad, quando você terminar, vá para o banho.

Ele respondeu com um gemido.

May comia em silêncio. Gerad pediu para repetir, mas a comida tinha acabado. Comecei a tirar a mesa assim que os dois se levantaram, enquanto meu pai permanecia lá, bebericando o chá. O cabelo dele estava sujo de tinta de novo, uma manchinha amarela que me fez sorrir. Ele se levantou, tirando as migalhas da camisa.

— Desculpe, pai — murmurei enquanto recolhia os pratos.

— Não seja boba, querida. Não estou bravo — ele deu um sorriso e passou o braço por mim.

— Eu só...

— Você não precisa explicar, querida. Eu sei — ele beijou minha testa. — Agora preciso voltar ao trabalho.

Fui para a cozinha começar a limpeza. Cobri meu prato com um guardanapo — não tinha comido quase nada — e o escondi na geladeira. No prato dos outros não havia nada além de migalhas.

Suspirando, fui para o meu quarto me preparar para dormir. Tudo aquilo tinha me deixado nervosa.

Por que minha mãe me pressionava tanto? Ela não era feliz? Não amava meu pai? Isso não era bom o bastante para ela?

Deitada no colchão deformado, eu passava e repassava a Seleção na cabeça. Acho que tinha suas vantagens. Seria legal comer bem, pelo menos por uns dias. E não havia razão para eu me preocupar: eu não me apaixonaria pelo príncipe Maxon. Pelo que vi no *Jornal Oficial de Illéa*, nem ia gostar do cara.

A meia-noite pareceu demorar uma eternidade para chegar. Havia um espelho na minha porta, e antes de sair dei uma olhada no cabelo para ver se estava tão bonito como de manhã. Também passei um pouco de brilho nos lábios, para garantir alguma cor no rosto. Minha mãe fazia uma economia bem rígida de maquiagem: era só para as apresentações ou para sair em público. Mas eu sempre conseguia surrupiar um pouco em noites como essa.

Esgueirei-me pela cozinha, fazendo o mínimo barulho possível. Embrulhei minhas sobras do jantar, um pedaço de pão que estava quase estragando e uma maçã. Era difícil voltar ao quarto a passos tão lentos, assim tão tarde. Mas se eu tivesse feito isso antes, ficaria ansiosa demais.

Abri a janela do quarto e contemplei nosso quadradinho de quintal. A lua quase não tinha luz, e meus olhos precisaram se adaptar para que eu pudesse seguir adiante. Do outro lado do gramado era possível ver a silhueta da casa da árvore, apagada pela noite. Quando éramos mais novos, Kota amarrava lençóis nos galhos para que a árvore parecesse um navio. Ele era o capitão, e eu era seu imediato. Meus encargos em geral se resumiam a varrer o convés e preparar a comida: um monte de terra e galhos socados em uma das panelas da minha mãe. Ele pegava uma colher e “comia” aquela terra, jogando-a por cima do ombro. Isso significava que eu ia ter que varrer mais uma vez o convés, mas eu não me importava. Ficava feliz só de estar no navio ao lado dele.

Olhei para os lados. As luzes das casas da vizinhança já estavam apagadas. Ninguém estava vendo. Saí pela janela, com

cuidado. Eu costumava ficar com a barriga toda arranhada por causa da maneira como me arrastava para fora, mas agora sabia exatamente como sair sem me machucar, um talento cultivado ao longo de anos. E eu não queria estragar a comida.

Acelerei pelo gramado, usando meu melhor pijama. Eu podia ter ficado com a roupa que usara durante o dia, mas o pijama me caía melhor. Acho que as roupas não importavam, mas eu me sentia bonita de shortinho marrom e blusinha branca.

Qualquer um podia escalar com uma mão só e sem dificuldade as ripas pregadas na árvore. Eu também tinha aperfeiçoado essa técnica. Cada degrau era um alívio. Não era uma distância muito grande, mas ali eu tinha a sensação de deixar todos os problemas de casa quilômetros para trás. Ali eu não precisava ser a princesa de ninguém.

Eu entrei naquela pequena caixa sabendo que não estava sozinha. Alguém estava do outro lado, escondido sob a noite. Minha respiração acelerou, não pude evitar. Deixei a comida no chão e apertei os olhos para enxergar. A pessoa se mexeu e acendeu um toco de vela. A luz era fraca — ninguém poderia vê-la —, mas bastava. Finalmente o invasor falou, abrindo um sorriso malicioso.

— E aí, linda?